

Sociabilidades Urbanas e Memória na Praça dos Girassóis: um Estudo sobre Palmas (2006-2020)

Jeany Castro dos Santos
Universidade Estadual do Tocantins
Palmas - Tocantins - Brasil
jeany.cd@unitins.br

Temis Gomes Parente
Universidade Estadual do Tocantins
Palmas - Tocantins - Brasil
temis.parente@uol.com.br

Raimundo Nonato Lima dos Santos
Universidade Federal do Piauí
Teresina - Piauí - Brasil
raimundolima2011@ufpi.edu.br

Resumo: O artigo analisa os usos sociais da Praça dos Girassóis da cidade de Palmas-TO no período de 2006 a 2020. A pesquisa fundamenta-se em fontes orais, por meio de entrevistas com os frequentadores desse espaço da urbe. O estudo destaca as sociabilidades desenvolvidas no logradouro, principalmente a partir de atividades físicas e discute os mecanismos de controle e vigilância do corpo, bem como as relações de gênero que ali se estabelecem. Além disso, faz reflexões teóricas a partir das categorias de história e cidade, história e memória, relações de gênero e controle social, em diálogo com diversos autores. Os resultados apontam os diferentes usos e representações da Praça dos Girassóis, evidenciam as formas de controle social baseadas no gênero e ressaltam a construção da ideia de lugar atribuída a esse espaço da cidade de Palmas.

Palavras-chave: História e Cidade. História e Memória. Sociabilidades Urbanas. Relações de Gênero e Controle Social.

Introdução

Em 2016, o Ministério da Saúde publicou o resultado da sistematização de 10 anos da pesquisa de monitoramento das capitais brasileiras em relação aos fatores de risco a doenças crônicas não transmissíveis. Nesse relatório, Palmas, a capital do estado do Tocantins, destacou-se por apresentar o menor percentual de pessoas obesas entre os seus habitantes (Brasil, 2016).

A divulgação desses dados pela imprensa local chamou a atenção pelo título dado à matéria jornalística, “Palmas, a capital mais magra do Brasil” (Palmas, 2017). A partir dessa

publicação, pode-se levantar o seguinte questionamento: qual seria a relação entre a saúde e a magreza e desta com a prática de atividades físicas?

Um dos fatores de risco a doenças crônicas não transmissíveis, de acordo com o monitoramento realizado pelo Ministério da Saúde, é a obesidade. A relação entre o controle da obesidade por meio da realização de atividades físicas pode explicar a escolha da Praça dos Girassóis como pano de fundo para a gravação da matéria jornalística, dada a quantidade expressiva de pessoas que utilizam essa praça em atividades de corrida e treinamento funcional.

Os resultados da pesquisa realizada por um órgão do governo federal, somadas às considerações acima expostas, nos instigaram a desenvolver um estudo sobre os usos sociais da Praça dos Girassóis, da cidade de Palmas-TO, na contemporaneidade. Como recorte temporal, adotou-se o período de 2006 a 2020, considerando os dez anos (2006 a 2016) de sistematização da pesquisa do Ministério da Saúde, que monitora a população das capitais brasileira em relação aos fatores de risco a doenças crônicas não transmissíveis, como é o caso da obesidade; bem como o período de preparação e realização das entrevistas (2019 a 2020) para produção de fontes orais utilizadas neste estudo, que serão descritas detalhadamente a seguir.

A escolha da Praça dos Girassóis como delimitação espacial da pesquisa justifica-se tanto pelos aspectos relacionados ao quantitativo de pessoas que a utilizam para a prática de atividades físicas quanto pela possibilidade de estabelecer uma analogia com a estrutura de vigilância e controle, denominada por Jeromy Bentham (2008) de Panóptico. Etimologicamente, a palavra *Panóptico* vem do prefixo grego “pan”, que significa *tudo*, e do sufixo grego “opticon”, que significa *visível*. O Panóptico representa a ideia de uma visão de totalidade, em que, no presente estudo, remete a um tipo de poder que é exercido sobre o biológico a partir da vigilância (Foucault, 1987) e do controle do corpo (Foucault, 1999).

Os aspectos subjetivos que envolvem a visibilidade atribuída à Praça dos Girassóis, no contexto do controle e da vigilância do corpo, refletem ideais socialmente construídos sobre a saúde. No presente estudo, a cobrança em relação ao corpo aparece, com maior recorrência, sobre o corpo da mulher, visto que a magreza é associada não só um corpo saudável, mas também a um padrão social de beleza.

Para refletir sobre a vigilância e o controle do corpo de mulheres e de homens, recorreremos a Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2020) e, para discutir as relações de gênero, no contexto histórico-social, dialogamos com Marcela Lagarde (1996) e Joan Wallach Scott (1990, 2002, 2012). O diálogo com esse autor e autoras foi importante para entendermos por que as mulheres, em número superior aos homens, utilizam cotidianamente a Praça dos Girassóis para a prática de atividades físicas.

A pesquisa apontou que, para além da vigilância e do controle do corpo, a Praça dos Girassóis, sobretudo para as mulheres, é um local em que são desenvolvidas sociabilidades (Pesavento, 2007), visto que o lugar representa para elas a oportunidade de cuidar de si mesmas, de trocar experiências, de brincar e de festejar a vida. Esse olhar sobre a Praça dos Girassóis como um lugar de sociabilidade – perspectiva que se pretende apresentar neste estudo – foi possível mediante a observação de seu uso para a prática de atividades físicas. Em outro contexto e sob outra perspectiva, as praças da cidade, incluindo a Praça dos Girassóis, de acordo com a urbanista Patrícia Orfila Barros dos Reis (2015, p. 172), “[...] são espaços verdes, a maioria urbanizados e pouquíssimos frequentados pela população; são espaços estéreis e caros para a cidade”.

Em termos conceituais, as praças públicas de uma cidade são geralmente classificadas como “lugar antropológico” na acepção de Marc Augé (2012), pois se constituem como o local por excelência das interações sociais e afetivas, especialmente nos bairros e em pequenas urbes. No entanto, se esse logradouro for utilizado apenas como *local de passagem*, acaba tornando-se um “não lugar”, ou seja, um espaço que não guarda memória, onde não há identificação de um grupo social.

Nessa direção, a urbanista Lucimara Albieri de Oliveira (2016, p. 221) descreve que a Praça dos Girassóis fica vazia a maior parte do tempo, “sendo utilizada prioritariamente como local de passagem (preferencialmente em suas bordas) [...] para caminhada [...] no horário noturno em decorrência das altas temperaturas típicas da região”. O termo “lugar de passagem” corresponde justamente à explicação que Marc Augé (2012) atribui ao “não lugar”, correspondente àquele espaço que não produz relação de afeto – onde as relações são efêmeras e que não produzem vínculos histórico-identitários.

Assim, a Praça dos Girassóis, pesquisada por Reis (2015) e Oliveira (2016), na leitura de Augé (2012), corresponde ao “não lugar” por passar a maior parte do tempo vazia e sem utilização. Augé (2012) explica que não há pureza entre “lugar” e “não lugar”, eles são palimpsestos. Nesse sentido, os “lugares” podem tornar-se “não lugares” e vice-versa, conforme o uso e a atribuição de sentidos que são dados a eles. É com base nessa compreensão que este estudo, analisa a Praça dos Girassóis: a partir do contexto de sua utilização para a realização de atividades físicas, ela se configura como o “lugar antropológico” (Augé, 2012) e como “espaço praticado” (Certeau, 2008).

A praça se torna um lugar antropológico considerando o uso cotidiano e as experiências significativas que são vivenciadas pelas pessoas que a usam. Vale ressaltar que as relações desenvolvidas nesse lugar são múltiplas, por essa razão, o presente estudo buscou identificar

os aspectos que permitiram o uso contínuo da Praça dos Girassóis como um lugar antropológico, ou seja, um lugar que é ao mesmo tempo identitário, relacional e histórico.

Para o alcance desse objetivo, decidiu-se pela utilização da metodologia de história oral, dada a possibilidade de outros olhares sobre Palmas que, de acordo com Sônia Maria de Freitas (2006, p. 116), “[...] a história oral possibilita diferentes versões sobre o mesmo fato” ao privilegiar as narrativas. Nesse sentido, cria-se espaço para a construção de outras histórias.

Fizeram parte deste estudo profissionais de educação física que atuam em atividades de treinamento funcional e esportistas que praticam essa modalidade esportiva na Praça dos Girassóis¹. Para preservar o sigilo² das entrevistadas e dos entrevistados³, foram-lhes atribuídos nomes fictícios. Para tanto, utilizaram-se os nomes de deuses da mitologia greco-romana⁴, em virtude da preocupação que esses dois povos tinham com o corpo. Para as mulheres, adotaram-se nomes de deusas romanas e, para os homens, utilizaram-se nomes de deuses gregos⁵.

No perfil de profissional de educação física, foram entrevistados quatro pessoas, sendo três homens e uma mulher⁶. No perfil de esportistas, foram entrevistadas doze pessoas, sendo nove mulheres e três homens⁷. Os entrevistados citados neste artigo foram: Ares, Apolo, Carmenta, Ceres, Cibele, Diana, Flora, Hermes, Poseidon e Zeus.

A coleta dos relatos orais ocorreu na Praça dos Girassóis⁸, em comum acordo com as entrevistadas e os entrevistados, considerando que a entrevista, para Paul Thompson (2002, p. 265), deve ser realizada em “um lugar em que o informante se sinta à vontade”. O local da conversação, portanto, configurou-se em uma forma de estimular as narradoras e os

¹ Esse critério foi estabelecido devido à centralidade que a Praça exerce no desenho urbano de Palmas e por não ter sido projetada para essa finalidade. Tal situação pode evidenciar a presença dos mecanismos do biopoder na escolha tanto pelas pessoas que utilizam a praça para atividades físicas, quanto pelos profissionais que usam as praças para fins econômicos.

² O sigilo foi uma recomendação do Conselho de Ética da Universidade Federal do Tocantins.

³ Todas as dez entrevistas foram realizadas pela pesquisadora nos meses de novembro e dezembro de 2019 e janeiro de 2020.

⁴ Inspirado em Simon Goldhill (2007) quando descreve o quanto a cultura greco-romana influencia nossas vidas até hoje.

⁵ A princípio, pensou-se apenas em nomes de deusas e deuses gregos pela estreita relação com o esporte. Todavia, a quantidade de deusas gregas era insuficiente para representar todas as mulheres entrevistadas. Por essa razão, atribuíram-se aos homens nomes de deuses gregos e às mulheres nomes de deusas romanas.

⁶ O quantitativo de três homens e uma mulher se refere à quantidade de profissionais que atuavam regulamente na Praça dos Girassóis, no período em que foram providenciados os documentos de autorização, para realização da pesquisa, que compôs o processo encaminhado ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Tocantins.

⁷ Essa quantidade faz referência às pessoas que aceitaram o convite para realizar a entrevista de história oral.

⁸ Vale ressaltar que apenas duas das entrevistas ocorreram no local de trabalho da/o entrevistada/o, a pedido. Sendo que essas duas foram realizadas em conformidade com as medidas de sigilo, orientadas pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Tocantins.

narradores a falar sobre o tema proposto – a atividade física –, visto que é na Praça dos Girassóis que essas atividades são realizadas.

Como afirma Lucília de Almeida Neves Delgado (2003 p. 31), o local da entrevista, na metodologia de história oral, é um aspecto importante para garantir o estímulo à fala, pois “estimular é reativar o diálogo do presente com o passado”. Nesse sentido, Sônia Maria de Freitas (2006, p. 96) ressalta que o lugar escolhido para a entrevista representa um encontro com o passado.

Observou-se que as entrevistadas e os entrevistados, ao narrarem suas histórias, evidenciaram os eventos que eles julgaram ser importantes e dignos de ser lembrados. Nesse sentido, convém ressaltar que o ato de lembrar, de acordo com a historiadora Temis Gomes Parente (2006, p. 307), evoca sentimentos que permitem “a percepção dos momentos narrados não por palavras, mas pelo silêncio [...] entre uma fala e outra”. Para este estudo, isso representa outras possibilidades de contar a história de Palmas, diferente da narrada por Reis (2015) e Oliveira (2016).

Palmas: vista do alto e de longe

Vista do alto e de longe, Palmas foi planejada para ser um todo coerente. No desenho, as dimensões e a divisão dos espaços mostram uma cidade sem conflitos ou contradições. Pensada nessa perspectiva, ou seja, sem a presença de pessoas, é possível pensar o desenho de Palmas como uma obra de arte, elaborada para ser observada, como um cenário ideal para o *voyeur*.

A arquitetura da cidade para o *voyeur* é “onde se origina o prazer de ‘ver o conjunto’, de superar, de totalizar o mais desmesurado dos textos humanos” (Certeau, 2008, p. 170). Por isso ela é mais importante do que a necessidade de praticar a cidade. O questionamento do autor é decorrente da nova arquitetura das cidades, como pode ser percebido no seguinte fragmento:

O corpo não está mais enlaçado pelas ruas que o fazem rodar e girar segundo uma lei anônima; nem possuído, jogador ou jogado, pelo rumor de tantas diferenças e pelo nervosismo do tráfego nova-iorquino. Aquele que sobe até lá no alto [das Torres Gêmeas do complexo empresarial do World Trade Center] foge à massa que carrega e tritura em si mesma toda identidade de autores ou de espectadores. (Certeau, 2008, p. 170).

A cidade pensada sob a perspectiva do *voyeur*, como parece ser o caso de Palmas, dificilmente atenderia às necessidades do *flâneur*, que tanto observa quanto pratica a urbe. As mudanças materializadas no urbanismo moderno, presentes em cidades planejadas, como

Palmas, especialmente no que se refere à ausência de pessoas na rua, é uma realidade explicada por José D'Assunção Barros (2012, p. 23). Para este pesquisador, essas cidades

[...] podem ser lidas de fora, porque o seu traçado carrega explicitamente uma mensagem carregada de intencionalidade. Elas foram feitas para significar algo para o observador que as contempla de uma distância a partir da qual o traçado pode ser percebido na sua totalidade.

Cabe ressaltar que a nomenclatura de endereço utilizada em Palmas não faz referência ao termo “rua”. Ao invés dessa terminologia, usam-se siglas formadas por três partes, conforme a Lei nº 85, de 16 de janeiro de 1991. A primeira sinaliza para a função e está dividida em nove partes: 1 - ACSU - Área de Comércio e Serviço Urbano; 2 - AC - Área de Comércio e Serviço Central; 3 - ACSV - Área de Comércio e Serviço Vicinal; 4 - ASR - Área de Comércio e Serviço Regional; 5 - ALC - Área de Lazer e Cultura; 6 - AR - Área de equipamento; 7 - QC - Comércio Local; 8 - AV - Área Verde não edificada; 9 - PAC - Posto de Abastecimento de Combustível. A segunda leva em consideração a divisão formada pelo cruzamento entre as Avenidas Teotônio Segurado e Juscelino Kubitschek, que forma os quatro quadrantes dos pontos cardeais: NE – SE – SO – NO. A terceira parte corresponde à numeração da ordem das quadras e das avenidas criadas.

As dificuldades impostas pelo planejamento urbano das grandes cidades, decorrentes da intencionalidade de afastar as pessoas da rua, foram tema de estudos de vários pesquisadores, como Jane Jacobs (2011) e Marshall Berman (1986). Jacobs, em uma das grandes obras do urbanismo, “Morte e Vida das de Grandes Cidades”, apresenta a rua como sendo a celebração da vitalidade urbana, por ser inesgotavelmente rica. Importante ressaltar que a leitura feita pela autora é resultado de sua experiência de praticar a cidade, à semelhança do *flâneur*. Para a autora, a aparente desordem causada pelas pessoas na rua é o que garante a segurança e a liberdade da cidade.

De acordo com Berman (1986, p. 300), na modernidade, “as ruas foram por toda a parte, na melhor das hipóteses, passivamente abandonadas e com frequência [...] ativamente destruídas”. Após apresentar essa informação/denúncia, esse pesquisador faz um apelo ao considerar que a rua representa “[...] uma ordem que existe num estado de perpétuo movimento e mudança, a comunhão e a comunicação face a face evanescente, mas intensa e complexa, daquilo que Charles Baudelaire (2006) chamou de família de olhos [...]” (Berman, 1986, p. 301), cujo título chama-se *Família dos Pobres*.

A *Família dos Pobres* é uma história criada por Baudelaire (2006) para descrever a importância que o encontro entre as pessoas de diferentes classes sociais desempenha no processo de ampliação das sociabilidades. Por sociabilidade, Marshall Berman (1986, p. 188)

entende como sendo o espaço em que “[...] as pessoas aí vão para ver e ser vistas e para comunicar suas visões, uns para os outros, não por qualquer motivo oculto, ganância ou competição, mas como um fim em si mesmo”, ou seja, o de praticar a cidade em toda a sua complexidade.

Uma característica marcante do planejamento urbano de Palmas é a separação dos espaços em área comercial e residencial. A aparente ordem expressa na separação dos espaços resultou no afastamento das pessoas das ruas em atividades do cotidiano, especialmente pelas distâncias a serem percorridas. Essa característica da cidade, embora tenha comprometido a mobilidade das pessoas em atividades do cotidiano, representou, de certa forma, uma possibilidade para as pessoas praticarem atividades físicas em diferentes partes da urbe.

Separada em funções pré-determinadas, Palmas carrega uma intencionalidade na sua organização, pois, se por um lado dificulta a mobilidade das pessoas em seus afazeres diários, por outro, contribui para a realização de atividades físicas nesses espaços. Necessário foi perceber, ao longo do estudo, as intencionalidades presentes no desenho urbano de Palmas, mediante análise da subjetividade presente nas narrativas das *sujeitas* e dos *sujeitos* que praticam a cidade.

De acordo com Fabiano Pries Deivid (2012, p. 244), “o esporte ancorou valores como força, potência, velocidade e vigor físico, historicamente associado à masculinidade”. No mesmo sentido, Jorge Dorfman Knijnik (2003, p. 64) identificou em sua pesquisa que os aspectos que comprometiam a feminilidade eram reprimidos pela sociedade: “Se a atividade [física] irá, mesmo que por tempo limitado, ‘desarrumar’ os corpos, ameaçar sua fragilidade [da mulher], desgastar suas energias ou tirar a sua graciosidade, deve ser rechaçada”.

Portanto, as reflexões teóricas apresentadas nos levaram à opção pela flexão do gênero feminino no vocábulo “sujeitas”, como uma decisão justificada pela necessidade de dar destaque, ou em outras palavras, de marcar o fenômeno relacionado à participação das mulheres⁹ nas atividades físicas realizadas na Praça dos Girassóis. Essa escolha representa o que Catherine Walsh (2013) denominou de “linguagem desobediente”. A autora valeu-se desse argumento para justificar, em sua escrita, o uso do “x” como forma para representar mulheres e homens. Na mesma direção, está a filósofa Djamila Ribeiro (2019), que aponta outras formas de escritas para referendar gêneros humanos e descreve como linguagem sem obediência, contrariando as regras da gramática normativa. Outra autora a utilizar uma “linguagem desobediente” foi Grada Kilomba (2019) ao destacar em itálico as palavras que não possuem

⁹ Os grupos que realizam atividades físicas, nas praças existentes na cidade de Palmas-TO, possuem um percentual elevado de mulheres. De acordo com as nossas fontes, esse percentual, na maioria dos grupos, chega a mais de 90%.

flexão de gênero na língua portuguesa, como foi o caso da palavra sujeito. Com base na argumentação das referidas autoras, justifica-se, neste estudo, o uso dos termos “sujeitos” e “sujeitas” para essa marcação.

A partir do estudo de Barros (2012, p. 23), comparou-se Palmas a um padrão de especialização “imposto de fora por alguma ideia matriz, ou de algum desenho preconcebido consoante uma representação específica”. Isto é, quando de sua concepção, não havia pessoas vivendo na cidade para que os urbanistas pensassem os espaços a partir da necessidade dos cidadãos. Como uma cidade planejada, Palmas foi pensada antes de ser vivida. Nesse sentido, pode-se pensar que o desenho da cidade não levou em consideração as especificidades locais, mas os interesses externos de quem viria a habitar a urbe.

A cidade pode ser analisada por diferentes perspectivas. A ideia aqui é refletir sobre ela enquanto produto histórico e social, levando em consideração as sociabilidades desenvolvidas em suas diferentes partes, tendo a Praça dos Girassóis como objeto de análise. Nesse sentido, compartilhamos com o pensamento de Pesavento (2007, p. 14), quando ela explica que a cidade “é também sociabilidade: [pois] ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos”.

Conforme Ana Fani Alessandri Carlos (2015, p. 67), a cidade “é um fazer-se intenso, ininterrupto”. As experiências vivenciadas pelas sujeitas e pelos sujeitos na Praça dos Girassóis, narradas mediante a utilização da metodologia de história oral, representam as apropriações do lugar pelo corpo, na medida em que “o lugar se completa pela fala, a troca alusiva a algumas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores” (Augé, 2012, p. 73).

As narrativas de história oral, coletadas em nosso estudo, apontam que a Praça dos Girassóis tem passado por constantes mudanças. Construído para ser o centro cívico de Palmas, esse logradouro público passou a ser visto também como um espaço de lazer, frequentado por esportistas que usam o lugar não só para a realização de atividades físicas, mas também para a troca de experiências. Essa interação geralmente ocorre no decorrer das atividades físicas, bem como em encontros promovidos para integração das pessoas, como no caso de eventos esportivos, de datas comemorativas e de socialização do grupo. De acordo com Carlos (2015, p. 69), as “[...] mudanças [ocorridas nas cidades, principalmente nas médias e grandes] são hoje cada vez mais rápidas e profundas gerando novas formas de configuração espacial, novo ritmo de vida, novo relacionamento entre as pessoas, novos valores”.

A ideia da cidade como algo inacabado abriu possibilidades para analisar a Praça dos Girassóis a partir das sociabilidades desenvolvidas entre as pessoas e destas com o lugar. Essa possibilidade surgiu a partir da realização das entrevistas de história oral, quando se tornou

evidente a importância das relações estabelecidas entre as pessoas no referido logradouro público.

A partir das contribuições de Sandra Jatahy Pesavento (2007) sobre sociabilidade, refletiu-se a respeito do uso cotidiano da Praça dos Girassóis pelas pessoas que realizam atividades físicas regularmente. Por sociabilidade, entende-se como sendo as relações sociais que comportam “personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos [...]” (Pesavento, 2007, p. 14).

No momento em que as pessoas utilizam a Praça dos Girassóis para a realização de atividades físicas acabam se apropriando do lugar pelo corpo – o corpo que se relaciona com o outro. Nesse sentido, as trocas, as brincadeiras, as competições ou mesmo as confidências entre as pessoas se traduzem em códigos que só fazem sentido para quem vivencia as experiências significativas do lugar¹⁰. É “no lugar que encontramos as mesmas determinações de totalidade sem com isso eliminar-se das partes [...]” (Carlos, 2007, p. 15).

O lugar marca as experiências vividas que se tornam indissociáveis do lugar porque se relacionam, formam um todo para representar o significado que as experiências tiveram para as sujeitas e para os sujeitos; é no lugar que “se desenvolve a vida em todas as suas dimensões” (Carlos, 2007, p. 17).

O lugar, para Carlos (2007), pode ser visto em duas dimensões. Uma delas é “de fora”, que corresponde àquela possível de acompanhar a partir do acontecer histórico. Nesse sentido, a Praça dos Girassóis, inicialmente vista como um centro cívico, passou a ser referenciada como um local de lazer, pelo uso cotidiano dos esportistas. Interessante notar que esse logradouro não deixou de ser um centro cívico pelo uso dos esportistas, mas incorporou essa referência pelas práticas que passaram a ser desenvolvidas no lugar.

A outra dimensão de lugar trazida por Carlos (2007) corresponde àquela vista “de dentro”, que foi analisada pela sua capacidade de promover a sociabilidade, redefinindo, assim, o sentido atribuído ao lugar. Analisada de dentro, pouco importa se a Praça dos Girassóis foi construída para ser um centro cívico, o que importa é o fato de ter promovido sociabilidades a partir das relações desenvolvidas entre as pessoas e destas com o lugar. Assim, a Praça dos Girassóis, percebida como um espaço propício à realização de atividades físicas, está associada à ideia de lazer, embora não deixe de ser reconhecida como um centro cívico.

A relação desenvolvida entre as pessoas, a partir da prática de atividade física na Praça dos Girassóis, denomina-se como sociabilidade. Essa noção foi elaborada por Pesavento (2007),

¹⁰ O autor Augé (2012) e a autora Carlos (2007) entendem que as práticas cotidianas transformam o espaço em *lugar*, e Certeau (2008) entende o contrário, que são as práticas sociais que transformam o lugar em *espaço praticado*.

sendo útil a este estudo pela possibilidade de explicar as razões que levaram as pessoas, para além do controle do corpo, a usar a referida praça pela sociabilidade nela desenvolvida, decorrente do uso cotidiano do lugar.

As sociabilidades decorrentes do uso do lugar têm sido debatidas por vários autores, entre eles Peter Burke (2005), que analisou a história de Amsterdã no século XVII a partir de dois sentidos do corpo humano – o olfato e a audição. Em seu estudo, Burke (2005) propôs uma geografia do lugar a partir dos cheiros e dos sons urbanos.

Outro estudo foi o desenvolvido por Raimundo Santos (2016) e corresponde à história das cidades na perspectiva da Nova História Cultural. O autor adotou, como objeto de estudo, a história de Teresina, capital do Piauí, observando as sociabilidades desenvolvidas no bar *Nós e Elis*, nas décadas de 1980 e 1990. O foco do autor para essa casa noturna foi decorrente do fato dela ter se configurado como um espaço plural que congregava sonhos e desejos da juventude teresinense, especialmente dos artistas.

No caso desta investigação, o objeto de estudo, no que se refere à análise das sociabilidades, é sobre o uso da Praça dos Girassóis pela população para a realização de atividades físicas. A proposta foi refletir sobre o significado que este espaço possui para as mulheres e para os homens.

A Praça dos Girassóis

A Praça dos Girassóis está localizada na área central de Palmas, entre o cruzamento das avenidas Teotônio Segurado e Juscelino Kubitschek. Foi inaugurada em 7 de setembro de 2000 e, de acordo com Valéria Cristina Pereira da Silva (2010), recebeu esse nome pela vontade do ex-governador José Wilson Siqueira Campos¹¹, que possuía simpatia pelo Partido Comunista: “os girassóis, símbolo da cidade [...] seriam uma referência simbólica aos Girassóis da Rússia” (Silva, 2010, p. 65).

Na Praça dos Girassóis estão presentes os prédios do governo, tais como: a sede do Poder Executivo (Palácio Araguaia), a sede do Poder Legislativo (Palácio João D’Abreu), a sede do Poder Judiciário (Palácio Feliciano Machado Braga) e as Secretarias do Estado, o Memorial Coluna Prestes, o Monumento aos 18 do forte de Copacabana, o monumento à Bíblia, o monumento Cruzeiro de Palmas (Tocantins, 2021), entre outros equipamentos públicos (Figura 2).

¹¹ Siqueira Campos foi o primeiro governador do Estado do Tocantins e exerceu quatro mandatos distintos: 1989-1991; 1995-1989; 1999-2003 e 2011-2014.

A instalação dos prédios públicos na área central da cidade, agrupados em um único local, buscou imprimir uma ideia de centralidade do poder. Como afirma Oliveira (2016, p. 95), “o centro seria a sublimação do poder político (centro cívico) combinado ao econômico (centro comercial) [...]. O centro de Palmas nasce, dessa forma, submisso, dominado e homogêneo, terreno fértil e livre para a atuação do capital”. Assim, a Praça dos Girassóis busca concentrar, na mesma região, o poder político e econômico.

Conforme Oliveira (2016), com relação aos monumentos instalados na Praça dos Girassóis, buscou-se atribuir a Palmas uma historicidade que, em alguma medida, conferisse aos moradores de Palmas uma identidade.

De acordo com Candice Vidal Souza (1995, p. 58), “o complexo de significados legitimadores da criação do Estado do Tocantins e da construção de Palmas articula o passado da região e do Brasil operando o retorno de figuras significativas para a história regional”. A esse respeito, como a autora explica, a referência aos nomes de Teotônio Segurado e Juscelino Kubitschek tem como objetivo conferir legitimidade histórica às lutas anteriores pela autonomia local, sinalizando para a criação do estado do Tocantins e a construção de Brasília, fazendo referência à construção de Palmas.

Tal estratégia encontra-se materializada nas duas avenidas que interceptam a Praça dos Girassóis, cujos nomes homenageiam aqueles dois personagens históricos. Importante ressaltar que as únicas avenidas de Palmas que recebem o nome de pessoas são essas, as demais seguem uma nomenclatura que combinam letras e números, como, por exemplo, ACSU-SE 20¹². A estratégia de Siqueira Campos de retomar a imagem de personagens históricos buscou reivindicar para si o ato heroico pela criação do Tocantins e a construção de Palmas, como se constata a seguir:

A manipulação ‘interessada’ da história é clara na cerimônia que marcou o início da construção [de Palmas] em maio de 1989. Esse evento condensa o tributo aos inspiradores elementares de Palmas. Realizou-se a primeira missa em torno de uma grande cruz de pau-Brasil, com a audiência ‘exótica’ de índios Xerentes junto aos convidados oficiais e as pessoas da região. Assim, como aconteceu na inauguração de Brasília, Siqueira Campos quis fazer com que Palmas também revivessem o momento da chegada dos portugueses no Brasil, estabelecendo uma continuidade com a origem da fundação cristã e o início da conquista do território nacional. Ao lado do altar improvisado foram colocadas as placas comemorativas da cerimônia (à direita) e a proclamação criando a comarca de Palma (sem o s, neste momento) assinada por Teotônio Segurado (à esquerda). Trata-se de outro artifício de atualização da história como meio de legitimação da construção e, por consequência, elevando o lugar do pioneiro-mor, Siqueira Campos. Após o término do ritual da fundação, inicia-se concretamente a intervenção devastadora: Siqueira Campos dirige um trator para abrir a avenida principal de Palmas, voltando-se para o Norte, diz reviver a direção da conquista do Tocantins. (Souza, 1995, p. 59).

¹² Confira o significado das siglas das vias de Palmas, explicado anteriormente.

Segundo João Aparecido Bazzoli (2019), a Praça dos Girassóis foi construída para ser o centro cívico da cidade e, por essa razão, não foi projetada para a promoção de atividades físicas. Seu objetivo era conferir a historicidade (monumento e memorial) que Palmas não possuía, visto que foi construída de um marco zero (Oliveira, 2016). Todavia, as suas bordas são utilizadas pelas pessoas em caminhadas ou corridas. Essa situação, para o entrevistado Ares (esportista), está relacionada à sua extensão. Entretanto, um aspecto que chama a atenção é o fato de a Praça dos Girassóis estar no centro da cidade de Palmas.

Por ser uma praça grande, são três quilômetros uma volta ao redor da praça. Por ser uma praça de fácil acesso, não é? Ela está no centro da cidade, as pessoas descobriram. Ela tem um calçamento relativamente bom e facilita bastante o acesso das pessoas ao redor da praça. Várias destas pessoas que frequentam aqui fazem parte deste grupo e eu considero um local bom para se praticar atividade física. (Ares, 2019, s.p.).

O *centro* é um aspecto marcante da narrativa de Ares (esportista), pois *estar no centro*, significa convergência de olhares. Sobre esse aspecto, as fontes orais oferecem uma riqueza quando se consideram as possibilidades de análise propostas pela historiadora Sandra Jatayh Pesavento (2007, p. 18): “ao historiador do urbanismo cabe criar sobre tais narrativas as filigranas de sua análise, exercendo sobre elas uma atitude hermenêutica e resgatando a riqueza da intriga construída e do poder metafórico das palavras empregadas”.

As características da Praça dos Girassóis trazidas por Ares (esportista) constam da descrição de Oliveira (2016, p. 116): “com 632.184 metros quadrados [a Praça dos Girassóis] possui localização privilegiada, no cruzamento da Avenida Teotônio Segurado com a Avenida Juscelino Kubitschek (J.K.), no ponto mais elevado da topografia de onde se tem uma vista de 360 graus da cidade”.

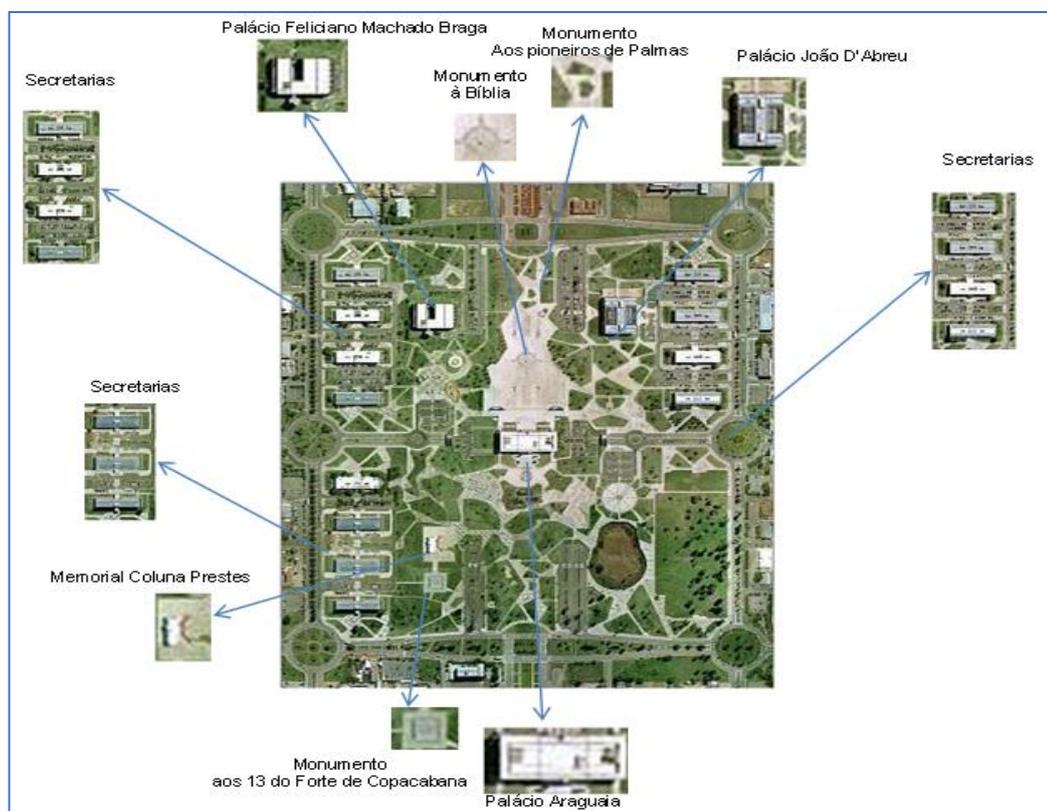
Em toda a sua extensão, a Praça dos Girassóis conta com espaços que favorecem a procura pelos profissionais de educação física. Esses locais constituem o cenário ideal para o desenvolvimento dessas atividades, como pode ser visualizado nas imagens das Figuras 1 e 2.

Figura 1 - Praça dos Girassóis: espaços utilizados pelos profissionais de educação física (em 2019)



Fonte: Acervo da pesquisa (2019).

Figura 2 - Praça dos Girassóis: visão de cima



Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Habitação (2005).

A Praça dos Girassóis passou a ser utilizada para uma atividade para a qual não foi planejada. Essa possibilidade de utilização para a realização de atividades físicas é uma construção recente¹³ devido a alguns aspectos, como: localização privilegiada, estar no centro da urbe; extensão, possui mais de 3 quilômetros; o calçamento no seu entorno e restritos acessos ao seu interior. Todavia, para além da arquitetura, as razões que levaram a população a utilizar a Praça dos Girassóis podem ser identificadas na narrativa oral de Poseidon (profissional de educação física):

A escolha é feita em cima de onde o pessoal está, se eu vejo que na Praça dos Girassóis tem uma grande movimentação de pessoas eu vou treinar lá porque o pessoal vai ver e vai procurar a atividade, igual acontecia né, a pessoa vinha fazer caminhada na praça, via o grupo, já pedia informação (Poseidon, 2019, s.p.).

Na perspectiva de um profissional de educação física, a narrativa de Poseidon (profissional de educação física) explica os aspectos que motivam a procura da Praça dos Girassóis para a realização de atividades físicas. Contudo, como explicar a presença das pessoas que procuram o local para caminhar ou correr ao redor desse logradouro?

Para que as pessoas procurassem a Praça dos Girassóis para a realização de atividades esportivas, houve todo um investimento por parte dos profissionais de educação física a fim de direcionar o olhar das pessoas para esse logradouro. Por conta disso, diferentes festividades foram promovidas nesse local, como eventos esportivos de corrida de rua, comemorações entre os membros dos grupos, eventos esportivos relacionados a datas comemorativas como dia dos namorados, aniversários, campanhas de saúde como *Novembro Amarelo*, de prevenção contra o câncer de próstata e *Março Lilás* contra o câncer de colo de útero.

Pesavento (2007, p. 18) esclarece que cabe à pesquisadora “divisar os artifícios da ficção, justo naquela narrativa que se arvora em termos de veracidade, a mostrar que todo discurso sobre a cidade é uma recriação de tempo e espaço dotado de sentido”. A narrativa de Poseidon (profissional de educação física) apresentou os fatos como se não tivesse havido todo um investimento para que as pessoas estivessem na Praça dos Girassóis caminhando ou correndo regularmente e, em algum momento, procurassem o profissional de educação física para participar do grupo.

A Praça dos Girassóis, assim como outras partes da cidade, evidencia as práticas cotidianas que se mostram em forma de sociabilidades. A sociabilidade advém da noção do ato de praticar a cidade. De acordo com Certeau (2008), essa percepção só é possível se a cidade for observada de “perto” e em “baixo”, onde é possível perceber as práticas ordinárias. Na

¹³ Seu uso como espaço de práticas físicas iniciou-se por volta do ano de 2006, embora a praça tenha sido inaugurada em 1991.

percepção do autor, as práticas ordinárias correspondem à forma elementar das experiências humanas no espaço urbano. Em seu estudo, essas práticas fazem referência às experiências vivenciadas pelos caminhantes na cidade de Paris. Todavia, em nosso estudo, a proposta é analisar as experiências vivenciadas pelas pessoas que realizam atividades físicas em diferentes partes da cidade de Palmas.

Apesar de Certeau (2008) não utilizar explicitamente o personagem *flâneur*, da obra de Baudelaire (2006), o autor o descreve em seu estudo como sendo aquele que vive as práticas ordinárias da cidade. Em outra perspectiva, Certeau (2008) valeu-se do personagem *voyeur*, também de Baudelaire; esse corresponde àquele que observa a cidade na sua totalidade, ou seja, observa a cidade do alto e de longe. Certeau (2008) descreve o *voyeur* como sendo o olho totalizador, ou o olhar solar, ou ainda o poder onividente.

Interessante notar que Certeau (2008) não excluiu um ou outro personagem. Ele percebe a presença tanto do *voyeur* (observador urbano) quanto do *flâneur* (observador e praticante da cidade), influenciando no movimento de mudança da urbe. Em suas palavras, ele explica que

Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de “operações” (“maneiras de fazer”), e “outra espacialidade” (uma experiência antropológica, poética e mítica do espaço). Uma cidade transumante, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível (Certeau, 2008, p. 172).

As práticas cotidianas, que neste estudo se referem às atividades físicas, possibilitaram que as áreas públicas existentes em Palmas, como é o caso da Praça dos Girassóis, ultrapassassem os limites determinados pela sua arquitetura. De acordo com Certeau (2008, p. 178), “o caminhante transforma em outra coisa cada significado espacial”. O caminhante não aceita passivamente as limitações impostas pelo desenho urbano, ele “[...] também as desloca e inventa outras, pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais” (Certeau, 2008, p. 178). Fato observado na narrativa oral de Apolo (esportista) ao ser questionado sobre os lugares que utiliza para realizar atividades físicas:

Aqui em Palmas a gente não tem, quer dizer, a gente tem um ponto fixo da gente se encontrar, que é na Praça dos Girassóis, mas locais mesmos, certos a gente não tem não, um dia a gente vai para Praça dos Povos Indígenas, na Teotônio Segurado, no outro vai para a JK, então a gente não tem ponto fixo para correr não. A gente marca um dia para correr em tal lugar, vai lá faz o exercício, não tem um lugar definido. (Apolo, 2019, s.p.).

O uso dos espaços para a realização de atividades físicas apresenta possibilidades diferentes das fixadas pela ordem construída. Apolo (esportista) demonstra que a atividade física lhe permite ultrapassar os “caminhos considerados lícitos ou obrigatórios” (Certeau,

2008, p. 178) e somente um aspecto se mostra fixo, o local do encontro, que é a Praça dos Girassóis; os demais vão se revelando no percurso, um dia vai para um lugar, outro dia para outro, como ele afirma “a gente não tem um lugar definido”.

A indefinição do lugar, descrita por Apolo (esportista), lança luz ao que Certeau (2008, p. 169) define como ato de praticar a cidade: “a caminhada [...] lança suspeita, arrisca, transgrede, respeita [...] mudando a cada passo, e repartidas em proporções, em sucessões, e com intensidades que variam conforme os momentos, os percursos, os caminhantes”. A atividade física realizada por Apolo (esportista) amplia as possibilidades de praticar a cidade, ultrapassando os limites impostos pelo desenho urbano.

A sociabilidade desenvolvida na Praça dos Girassóis

O *lugar antropológico* para Augé (2012) é aquele classificado e promovido a lugar de memória, uma construção concreta e simbólica das vivências sociais. Para Pierre Nora (1993, p. 12), “lugar de memória são antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama por ela”. Embora, em alguma medida, exista relação entre a proposição dos dois autores, neste estudo, entende-se por *lugar de memória* a definição de Augé (2012, p. 51), que o apresenta como sendo “princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa”.

Neste estudo, o *lugar de memória* é aquele que carrega em si um significado, pois é resultado da relação das sujeitas e dos sujeitos com o espaço. É nesse sentido que a Praça dos Girassóis pode ser entendida como um *lugar de memória*. Para Hermes (profissional de educação física), esse lugar de memória palmense se constituiu a partir das atividades físicas realizadas, com seus frequentes alunos, ao longo de uma década, como podemos observar em sua narrativa oral.

Eu cheguei aqui na praça, neste ponto que nós estamos aqui fazendo esta entrevista. Eu cheguei aqui, o dia exato eu não vou conseguir te falar, mas foi no mês de maio, nós estamos em 2019 né, minha matemática agora vai falhar, enfim, têm 12 anos que eu estou na Praça dos Girassóis, no mesmo ponto e por uma felicidade tremenda, eu tenho alunos que começaram comigo lá no início e permanecem comigo até hoje. (Hermes, 2020, s.p.).

A Praça dos Girassóis, no contexto da narrativa de Hermes (profissional de educação física), pode ser interpretada a partir da noção teórica que Augé (2012, p. 73) atribui a lugar por caracterizar-se como identitário (conjunto de possibilidades, prescrições e proibições), relacional (elementos são distribuídos em relações de coexistências) e histórico (conjuga identidade e relação).

Estar no mesmo lugar, para Hermes (profissional de educação física), possui um significado, pois o remete às vivências ocorridas ali ao longo dos doze anos. A forma como o grupo se relaciona com os elementos presentes na praça, durante as atividades físicas, produz memórias que não podem ser desassociadas do lugar.

Se uma pessoa apenas atravessa a Praça dos Girassóis, caminhando, para chegar a um outro destino, nesse caso, para essa pessoa, ela é um “não lugar”. Agora, se o destino é a Praça dos Girassóis e a pessoa vai fazer uma atividade frequente, ela vai interagir com o espaço e com outras gentes: sentando-se nos bancos; tropeçando em pedras soltas; visitando os monumentos como pontos de marcação de trajetória percorrida; desviando de pessoas; reconhecendo pessoas que fazem atividades frequentes ali; cumprimentando conhecidos. Para esses usos, a Praça dos Girassóis pode ser entendida como *lugar*. Como reforça Augé (2012, p. 74), “o lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente palimpsestos em que se reinscreve, sem cessar, o jogo embaralhado da identidade e da relação”.

O *lugar*, afirma Carlos (2007, p. 14), “guarda em si e não fora dele o seu significado e a dimensão do movimento da vida, possível de ser apreendida pela memória, através dos sentidos e do corpo”. Tomando como referência essa explicação, é possível abstrair da narrativa de Ceres (esportista) que a Praça dos Girassóis representa um lugar em que foram vivenciados momentos significativos, rememorados durante a entrevista, expressos não só em sua fala, mas também nos sentimentos de entusiasmo manifestados em seu corpo.

Cada pessoa que pratica o lugar o faz de forma singular, porque cada pessoa é única, e suas experiências anteriores possibilitam sentidos diferentes para cada indivíduo por mais que estejam realizando a mesma atividade, ao mesmo tempo, no mesmo lugar. Cada sujeita e cada sujeito construíram uma história de relação com o lugar, como é possível perceber na narrativa de Ceres (esportista) (2019): “Eu grito muito, eu me divirto muito, me esforço, eu grito com um, grito com outro, coloco apelido, depois tiro, peço desculpa, brigo [risos] eu me divirto assim [...] participo cem por cento da atividade”.

Ao analisar a narrativa oral de Ceres (esportista), infere-se que a Praça dos Girassóis é um exemplo de *lugar*. Embora nas médias e grandes cidades de todo o mundo, as praças, na contemporaneidade, constituam-se como local apenas de passagem, ainda é possível encontrar praças que se configuram como local de encontro e de vivências. A explicação para que um local passe a ser observado como um *lugar* pode ser encontrada em Augé (2012) quando afirma que no interior dos não-lugares é possível encontrar a existência do lugar.

Na narrativa de Zeus (esportista), a seguir, é possível inferir que a Praça dos Girassóis pode configurar-se como um lugar por reunir os elementos que o tornam um lugar antropológico, ou seja, identitário, relacional e histórico (Augé, 2012):

A gente faz amizade que se torna uma família neste ambiente do esporte. São pessoas que a gente pode contar, independentemente do horário, já vivenciei muito isto, principalmente para a gente que não tem família aqui, estes vínculos acabam ajudando muito (Zeus, 2019, s.p.).

A análise da Praça dos Girassóis é apresentada como um lugar antropológico porque, no contexto da fala de Zeus, ela está investida de sentido: “A gente faz amizade que se torna uma família”. Cada ato colaborativo contribui para a formação de um ambiente de reciprocidade e companheirismo, especialmente, como afirma Zeus, “para a gente que não tem família aqui”, ou seja, para pessoas que vieram de outras cidades, estados ou, inclusive de outros países, como é o caso de Zeus.

Os espaços utilizados para a realização de atividades físicas, como assegura Pesavento (2007, p. 13), são espaços que se constituem como objeto de reflexão a partir das representações sociais que produzem e que se objetivam em práticas sociais. Os elementos como “gritos, risos, brincadeira”, apresentados na narrativa de Ceres (esportista), são entendidos como características de sociabilidade. Como explicado por Pesavento (2007, p. 14), a sociabilidade comporta “práticas de interação e de oposição, ritos e festas”. A narrativa oral de Carmenta (esportista) (2019) reforça a realização das práticas de sociabilidade: “A gente comemora os aniversariantes do mês, conhecemos muitas pessoas, cada um leva uma coisa, então é bacana as atividades, eu gosto muito”.

A Praça dos Girassóis foi tomada como um objeto de reflexão a partir das práticas sociais, ali realizadas, entendidas como sociabilidades. Para Pesavento (2007), as sociabilidades podem ocorrer de diferentes formas, entre elas, pelas práticas cotidianas. As sociabilidades são todas as marcas que “registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo” (Pesavento, 2007, p. 14).

Diante disso, a Praça dos Girassóis, pensada apenas a partir da sua arquitetura, não é capaz de provocar nas pessoas que a observam os sentidos que permitam pensá-la como lugar de memória. Todavia, quando pensada a partir das narrativas das pessoas que viveram experiências significativas – por meio dos encontros, das trocas, dos conflitos e das contradições –, pode ser entendida como *lugar*. A sociabilidade desenvolvida nesse logradouro consta da narrativa de Cibele (esportista):

[...] mas quando eu estou desmotivada aí eu procuro o grupo, que é certo, eu chego lá é uma energia muito boa, todo mundo animado querendo se envolver, o povo gosta

muito de foto, gosta muito de tomar um café junto, eu acho isto muito bacana. O grupo é como uma família! (Cibele, 2019, s.p.).

O que é possível inferir pela narrativa de Cibele (esportista) é que a arquitetura não é o que torna a Praça dos Girassóis um lugar, e sim as sociabilidades: “[...] gosta muito de tomar um café junto, eu acho isto muito bacana. O grupo é como uma família”. A Praça dos Girassóis só faz sentido como lugar, no contexto da sociabilidade narrada por Cibele (esportista), pelas interações que ocorrem nesse local.

Outro aspecto importante a ser analisado diz respeito aos sentimentos narrados sobre o lugar: “É uma energia boa”. Ao mesmo tempo em que Cibele (esportista) se refere ao sentimento produzido pelas pessoas, não é possível desassociá-las do local. A narrativa traz um terceiro elemento, a produção de imagens: “O povo gosta muito de foto”. De acordo com Pesavento (2007, p. 14), a cidade “é objeto de produção de imagem e discurso que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam”. Cibele (esportista) traz a foto como um momento importante para o grupo.

As imagens produzidas diariamente na Praça dos Girassóis compõem o registro da memória das sujeitas e dos sujeitos que fazem uso do lugar. De acordo com Augé (2012) e Carlos (2007), são as práticas sociais cotidianas que transformam o espaço em *lugar*.

Considerações finais

A proposta deste artigo foi promover reflexões teóricas a partir das categorias de *controle social*, *história e cidade*, *história e memória* e *relações de gênero*, a partir da análise dos usos sociais da Praça dos Girassóis da cidade de Palmas, capital do Tocantins, no período de 2006 a 2020. Na categoria *controle social*, foi possível observar que a Praça dos Girassóis concentra elementos que favorecem a vigilância e o controle dos corpos que a utilizam para a realização de atividades físicas. Esse argumento foi construído por meio da análise do desenho da Praça dos Girassóis e sua disposição no planejamento urbano da cidade, bem como na posição em que as gentes ficam distribuídas no contexto de sua utilização.

Na categoria *história e cidade*, a proposta foi refletir sobre os diferentes usos da Praça dos Girassóis, dada a presença do Palácio do Governo e suas Secretarias; os monumentos e memoriais; os equipamentos públicos de recreação e as calçadas que são utilizadas para passeio e atividades físicas. Ainda sobre a história relacionada ao uso do lugar, ao considerar as críticas em relação à ausência de pessoas na praça, em grande parte do tempo, foi possível desenvolver outros olhares sobre esse logradouro, a partir dos usos pelos esportistas.

Quanto à categoria *história e memória*, levaram-se em consideração os aspectos que permitiram o uso contínuo da Praça dos Girassóis pelos esportistas a partir de seus relatos orais. Essa discussão buscou evidenciar que um determinado espaço urbano pode, ao mesmo tempo, a depender das experiências que cada sujeita e cada sujeito estabeleceu com ele, configurar-se como *lugar* ou *não lugar*.

A partir das experiências narradas pelas sujeitas e pelos sujeitos sobre as vivências do *lugar*, especialmente da Praça dos Girassóis, foi possível inferir que são levadas para os outros espaços que envolve o cotidiano de mulheres e de homens, o que pode contribuir para mudanças nas relações de gênero.

A compreensão da Praça dos Girassóis como um lugar de sociabilidades para mulheres e homens decorre das experiências vivenciadas no uso cotidiano desse local. Com isso, foi possível inferir que esse logradouro reúne elementos que o tornam um lugar acolhedor, em particular para as mulheres. A sociabilidade desenvolvida cotidianamente pelas mulheres, nessa parte da cidade de Palmas, permitiu que elas pudessem reservar um tempo para o cuidado de si e das outras, por meio de conversas, brincadeiras, apoio mútuo e troca de experiências.

URBAN SOCIABILITIES AND MEMORY AT PRAÇA DOS GIRASSÓIS: A STUDY ON PALMAS (2006-2020)

Abstract: The article analyzes the social uses from the Square of sunflowers, in the city of Palmas-TO from 2006 to 2020. The research is based on oral sources through interviews with the visitors of this urban space. The study highlights the sociabilities developed in the area, mainly through physical activities, and discusses the mechanisms of control and surveillance of the body, as well as the gender relations established there. Furthermore, it presents theoretical reflections based on the categories of history and city, history and memory, gender relations, and social control, in dialogue with various authors. The results indicate the different uses and representations of Square of sunflowers, highlight the forms of social control based on gender, and emphasize the construction of the idea of place attributed to this space in the city of Palmas.

Keywords: History and City. History and Memory. Urban Sociabilities. Gender Relations and Social Control.

SOCIABILIDADES URBANAS Y MEMORIA EN LA PLAZA DE LOS GIRASOLES: UN ESTUDIO SOBRE PALMAS (2006-2020)

Resumen: El artículo analiza los usos sociales de la Plaza de los Girasoles de la ciudad de Palmas-TO en el período de 2006 a 2020. La investigación se basa en fuentes orales, mediante entrevistas con los visitantes de este espacio urbano. El estudio destaca las sociabilidades desarrolladas en el lugar, principalmente a partir de actividades físicas y discute los mecanismos de control y vigilancia del cuerpo, así como las relaciones de género que allí se establecen. Además, hace reflexiones teóricas a partir de las categorías de historia y ciudad, historia y memoria, relaciones de género y control social, en diálogo con diversos autores. Los resultados apuntan a los diferentes usos y representaciones de la Plaza de los Girasoles, evidencian las formas de control social basadas en el género y resaltan la construcción de la idea de lugar atribuida a este espacio de la ciudad de Palmas.

Palabras clave: Historia y Ciudad. Historia y Memoria. Sociabilidades Urbanas. Relaciones de Género y Control Social.

Referências

ACERVO DA PESQUISA. [Praça dos Girassóis: espaços utilizados pelos profissionais de educação física (em 2019)]. Arquivo pessoal de Jeany Castro dos Santos, 2019. 1 colagem de 7 fotografias, color.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. (MAIS)culinos: outras possibilidades de corpos e gêneros para as carnes sexuadas pela presença de um pênis. **Outros Tempos**, Maranhão, v. 17, n. 29, p. 260-281, 2020. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/776. Acesso em: 12 jan. 2021.

APOLO [esportista]. Entrevista concedida na Praça dos Girassóis. Palmas-TO, 19 dez. 2019. 1 arquivo áudio, 37 min.

ARES [esportista]. Entrevista concedida na Praça dos Girassóis. Palmas-TO, 20 dez. 2019. 1 arquivo áudio, 20 min.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 1994. Título original: Non-lieux – Introduction à une anthropologie de la surmodernité.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e história**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

BAZZOLI, João Aparecido. **Palmas em foco**: contradições de uma cidade planejada. Palmas: EDUFT, 2019.

BENTHAM, Jeremy. O panóptico ou a casa de inspeção. In: TADEU, Tomaz (org.). **O panóptico**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 19-76. Título original: Panopticon.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. Título original: All that is solid melts into air.

BRASIL. **Vigitel Brasil 2016**: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: <http://www.as.saude.ms.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/VIGITEL-2016.pdf>. Acesso em: 3 set. 2017.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2015. (Coleção Repassando a Geografia).

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARMENTA [esportista]. Entrevista concedida na Praça dos Girassóis. Palmas-TO, 20 dez. 2019. 1 arquivo áudio, 23 min.

CERES [esportista]. Entrevista concedida na Praça dos Girassóis. Palmas-TO, 12 nov. 2019. 1 arquivo áudio, 18 min.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 – Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008.

CIBELE [esportista]. Entrevista concedida na Praça dos Girassóis. Palmas-TO, 8 nov. 2019. 1 arquivo áudio, 39 min.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidade. **Revista História Oral**, n. 6, 2003. Departamento de História, FFLCH – USP. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>. Acesso em: 10 fev. 2020.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Histórias das mulheres na natação brasileira no século XX: das adequações às resistências sociais**. São Paulo: Hucitec, 2012.

DIANA [esportista]. Entrevista concedida na Praça dos Girassóis. Palmas-TO, 8 jan. 2020. 1 arquivo áudio, 28 min.

FLORA [esportista]. Entrevista concedida na Praça dos Girassóis. Palmas-TO, 16 dez. 2019. 1 arquivo áudio, 35 min.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Mana Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987. Título original: Surveiller et punir.

FREITAS, Sônia Maria de. História oral: possibilidades e procedimentos. **Eccos: Revista Científica**, v. 5, n. 1, p. 109-122, jun. 2006.

GOLDHILL, Simon. **Amor, sexo & tragédia: como os gregos e romanos influenciam nossas vidas até hoje**. Tradução de Cláudio Bardella. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. Título original: Love, Sex & Tragedy: How the Ancient World Shapes Our Lives.

HERMES [profissional de Educação Física]. Entrevista concedida na Praça dos Girassóis. Palmas-TO, 7 jan. 2020. 1 arquivo áudio, 50 min.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2011. Título original: The Death and Life of Great American Cities.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS_DA_PLANTACAO_-_EPISODIOS_DE_RAC_1_GRADA.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história**. São Paulo: Mackenzie, 2003.

LAGARDE, Marcela. Gênero. *In*: LAGARDE, Marcela (org.). **Gênero e feminismo: desenvolvimento humano e democracia**. Espanha: Horas e Horas, 1996. p. 13-38.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, 1993. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 24 fev. 2021.

OLIVEIRA, Lucimara Albieri de. **Centros urbanos e espaços livres públicos**: produção e apropriação em Palmas-TO. 2016. 340 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/486>. Acesso em: 10 out. 2018.

PALMAS é a capital mais magra e com menor taxa de hipertensão no Brasil. **Portal do Amaral**, 18 abr. 2017. Disponível em: <https://portaldoamaral.com.br/palmas-e-a-capital-mais-magra-e-com-menor-taxa-de-hipertensao-no-brasil/>. Acesso em: 5 abr. 2022.

PARENTE, Temis Gomes. Sentimentos e ressentimentos de Eva, uma mulher de vida livre. *In*: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (org.). **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 295-310.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 53, p. 29-42, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/BXNmGmrkWDkdVR4VPskmLJ/>. Acesso em: 5 abr. 2022.

POSEIDON [profissional de Educação Física]. Entrevista concedida na Praça dos Girassóis. Palmas-TO, 20 dez. 2019. 1 arquivo áudio, 40 min.

PRAÇA dos Girassóis. [Visão panorâmica]. *In*: Turismo Tocantins. Disponível em: <https://turismo.to.gov.br/praca-dos-girassois/>. Acesso em: 19 maio 2022. 1 fotografia, color.

REIS, Patrícia Orfila Barros dos. Palmas: uma cidade em busca de significados. *In*: REIS, Patrícia Orfila Barros dos (org.). **Palmas: um projeto e múltiplos olhares**. Palmas: EDUFT, 2015. Cap. 8, p. 123-143.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. **Praticando espaços, entre acordes, letras e máscaras**: história, memória e sociabilidades em espaços culturais de Teresina nas décadas de 1980 e 1990. 2016. 378 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/24532>. Acesso em: 10 out. 2018.

SCOTT, Joan Wallach. **A cidadã paradoxal**: as feministas francesas e os direitos do homem. Tradução de Élvio Antônio Funck. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002. Título original: *Only Paradoxes to Offer*.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, p. 5-22, dez. 1990.

SCOTT, Joan Wallach. Usos e abusos do gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. **Palmas, a última capital projetada do século XX**: uma cidade em busca do tempo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SOUZA, Candice Vidal. A invenção do Tocantins: espaço e tempo na construção da comunidade imaginada em um contexto regional. **Ciências Humanas em Revista** – História, Goiânia, v. 6, n. 2, p. 49-63, 1995.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TOCANTINS (Estado). **Secretaria Estadual de Comunicação**. Praça dos Girassóis. Palmas, 2021. Disponível em: <https://www.to.gov.br/secom/noticias/passeio-pela-praca-dos-girassois-revela-a-historia-da-capital-palmas/35llqqno52n3>. Acesso em: 15 out. 2021.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales**: práticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)viver. São Paulo: Mariana Bracks Fonseca, 2013. Disponível em: <https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2018/03/catherine-walsh-pedagogc3adas-decoloniales-volume-i.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

ZEUS [esportista]. Entrevista concedida na Praça dos Girassóis. Palmas-TO, 20 dez. 2019. 1 arquivo áudio, 16 min.

SOBRE OS AUTORES

Jeany Castro dos Santos é doutora em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Tocantins (UFT); docente da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins).

Temis Gomes Parente é doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Professora Titular aposentada da Universidade Federal do Tocantins (UFT); Professora voluntária do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UFT.

Raimundo Nonato Lima dos Santos é doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Professor Associado I da Universidade Federal do Piauí (UFPI), vinculado ao curso de História; Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil (PPGHB-UFPI).

Enviado em 15/07/2025

Aceito em 02/12/2025